

Literatura de viagem em periódicos cariocas (1808-1836)

CAROLLINA CARVALHO RAMOS DE LIMA¹

O ano de 1808 marca, sem dúvida, o início de uma nova fase para a história do Brasil, a saber: o início de um processo de “descolonização”, que culminaria na proclamação da Independência, em 1822, e, nove anos mais tarde, na abdicação de D. Pedro I (MOTA, 2007, p.62). Tudo isso porque a crise política que forçou a vinda da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro desencadeou, aqui, importantes transformações, a começar pela imediata abertura dos portos às nações amigas, que favoreceu o aumento das transações comerciais e um maior intercâmbio cultural com o estrangeiro. Além disso, durante a estada do monarca lusitano, foram criadas escolas, museus e bibliotecas, procedeu-se à urbanização da capital e, muito importante, teve início a produção e livre circulação do impresso no país. Medidas que, embora pretendessem simplesmente transplantar as instituições portuguesas para a cidade, servindo às necessidades da Corte, acabaram por dar início à institucionalização da cultura brasileira e a estimular os brasileiros a elaborarem uma identidade nacional e a organizarem-se como nação.

Os viajantes estrangeiros desempenharam um papel fundamental neste processo de formação da cultura local. Foram eles, por exemplo, os primeiros a comporem trabalhos de história do Brasil, como é o caso das obras de Robert Southey e James Henderson². Foram as inúmeras narrativas de viagem que escreveram que propagaram conceitos e ideias sobre um país que, pelo menos até 1808, era muito pouco conhecido na Europa. E foram essas mesmas narrativas sobre as populações e a natureza tropicais que despertavam o interesse dos brasileiros, especialmente das elites, para si próprios e para o seu país; segundo Sérgio Buarque de Holanda,

¹ Mestre em História pela UNESP. Atualmente, doutoranda em Teoria e História Literária pela UNICAMP. O texto que ora apresentamos é uma síntese dos resultados obtidos na pesquisa de mestrado, intitulada *Os viajantes estrangeiros nos periódicos cariocas (1808-1836)*, defendida em maio/2010 pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista – UNESP C. de Franca.

² Adolpho Vanhagen, em sua *História Geral do Brasil*, destacou algumas obras de estrangeiros – como a Aires de Casal, Southey, Spix e Martius, Maximiliano Wied-Neuwied, Saint-Hilaire – que alimentaram o imaginário brasileiro a respeito de sua história. Ver: VARNHAGEN, Francisco A. **História Geral do Brasil**, t. II. Rio de Janeiro: H. Laemmert, 1857, p. 341-353.

Aí está um dos fatores do vivo interesse que, ainda em nossos dias, podem suscitar os escritos e quadros dos viajantes chegados do Velho Mundo entre o ano da vinda da corte e, pelo menos, o do advento da Independência. De tão visto e sofrido por brasileiros, o país se tornara quase incapaz de excitá-los. Hão de ser homens de outras terras, emboabas de olho azul e língua travada, falando francês, inglês, principalmente alemão, os que se vão incumbir do novo descobrimento do Brasil. (HOLANDA, 2003, p.17)

Na busca de soluções para a construção de uma identidade para um país ainda “sem passado”³ e imerso em fortes contradições, a adesão aos relatos de viagem, principalmente no que tange à exaltação da natureza e à prodigalidade da terra, foi fundamental. Daí a estreita vinculação existente entre a literatura de viagem, a formação da literatura e a construção da nacionalidade.

Para os viajantes, o Brasil era, sob muitos aspectos, um dos lugares mais interessantes do Novo Mundo e, talvez, aquele que, pelas suas condições naturais, apresentava as maiores garantias de um rico porvir. O país possuía os mais belos portos da terra e contava com um solo capaz de produzir tudo o que as necessidades materiais do homem exigiam e tudo o que o Estado poderia precisar da natureza para a sua prosperidade. Todavia, a apreciada “generosidade da Mãe Natureza”, demandava um povo sábio, perspicaz, capaz de implementar as bases da modernidade, um povo que abdicasse do retrógrado passado colonial e adquirisse qualidades intelectuais modernas, capazes de potencializar os benefícios de uma natureza tão pródiga.

Intelectuais da envergadura de Adolpho Vanhargen, um dos fundadores, no final da década de 30 do oitocentos, do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil (IHGB), em sua *História Geral do Brasil* apontou a importância dos viajantes na construção da história do país recém-independente, e elencou alguns autores-viajantes, tais como Maximiliano Wied, Spix e Martius, Ferdinand Dennis, e outros, cujas narrativas considerava fundamentais para a composição de uma história do Brasil (VARNHAGEN, 1948, p341-357).

Outrossim, José Bonifácio, por exemplo, propôs um projeto para o país independente calcado também nas ideias de importantes viajantes naturalistas, como Alexander von Humboldt, John Mawe e Auguste Saint-Hilaire. Tal projeto previa a revisão das práticas agrícolas, a otimização dos recursos naturais, a manutenção da

³ “Sem passado” aqui remete-nos à ideia de que o Brasil, até 1822, não possuía uma história genuinamente nacional.

unidade territorial e a abolição, mesmo que gradual, da escravidão. Por conta do longo tempo que passou na Europa – trinta e seis anos –, as propostas de Bonifácio para o país, “baseavam-se num Brasil distante e livresco, o mesmo que estava disponível para tantos estudiosos europeus que consumiam avidamente os relatos produzidos por viajantes naturalistas” (PÁDUA, 2002, p.142).

E José Bonifácio não foi o único. Parte significativa da construção do imaginário nacional do Brasil independente se fez em interlocução com a imagem construída e divulgada pelos viajantes europeus, sobretudo aqueles que começaram a frequentar o país no final do século XVIII e que contaram os detalhes do processo de emancipação e do nascimento de uma nova nação. Essa interlocução é perceptível quando analisamos nos jornais da época, nos quais aparecem, com relativa frequência, menções, artigos ou mesmo traduções de trechos das obras desses ilustres viajantes.

Nos anos posteriores à vinda de D. João VI a imprensa periódica cumpriu uma importante função no que diz respeito à formação e circulação de ideias no Brasil, isto porque os jornais eram de fácil acesso e atingiam a um número bem maior de leitores que os livros, dado o seu custo inferior. Além disso, no Brasil, a imprensa foi o que melhor se desenvolveu no âmbito da cultura escrita nas primeiras décadas do século XIX, contribuindo decisivamente para a formação de um público leitor mais regular.

Entendida não apenas como um meio de informação, mas como um instrumento de aperfeiçoamento do homem e da sociedade, a imprensa, nesse período, dedicou-se a promover a instrução de um número de pessoas maior, destacando temáticas que permitissem a formação de um leitor exigente e apto a colaborar com o progresso do Brasil (MARTINS, 2009, p.11). Para Isabel Lustosa (2003, p.15):

Num tempo em que o acesso à educação era tão menos democrático, em que vivíamos a mudança do mundo a partir das ideias disseminadas pelo Iluminismo ao longo do século anterior, a imprensa se firmara como um importante difusor das chamadas Luzes. Naquele contexto, o jornalista se confundia com um educador. Ele via como sua missão suprir a falta de escolas e de livros através de seus escritos jornalísticos. Assim, não é de se estranhar que o jornal tivesse tamanho e a forma de um livro.

Diferentemente dos jornais que hoje conhecemos, os periódicos oitocentistas abordavam ampla e variada gama de assuntos e possuíam formatos muito diferentes. Por exemplo, no caso do *Correio Brasileiro*, seu formato se aproxima ao de um livro,

com até 150 páginas. Além disso, determinados artigos tinham continuidade em outros números e internamente o conteúdo era creditado a alguma sessão, tais como: política, comércio e artes; literatura e ciências; miscelânea e a correspondência (LUCA, 2005, 131-132).

No corpo editorial dessas publicações estavam *ilustres* nomes da intelectualidade oitocentista, na sua maioria, profissionais liberais (advogados, médicos, comerciantes, etc.) e homens ligados à política, como senadores, deputados e governadores. Nesse período, como apontou Antônio Cândido, se o intelectual brasileiro “não pertencesse a um grupo de prestígio social”, ou seja, se não fosse “padre, militar ou magistrado” estaria relegado ao segundo plano (CÂNDIDO, 2007, p.87).

Esse privilegiado grupo, que tinha acesso ao mundo dos impressos, foi o grande responsável pela construção de uma imagem para o país e para o seu povo que emergiam. Os treze anos que D. João VI permaneceu no Brasil foram cruciais para o desenvolvimento da nação e, principalmente, para a Independência, proclamada um ano após seu retorno a Portugal. As diligências da Corte, no que tange à economia, administração e instrução – tratadas um pouco mais detidamente ao longo deste capítulo – transformaram o Brasil, até então uma colônia “isolada”, “atrasada” e “ignorante”, em um país emancipado. Entre 1808 e 1821, o Rio de Janeiro, que até então era capital de uma colônia, passou a ser a capital do Império luso-brasileiro. A Corte implementou aqui todo o aparato burocrático, que se manteve praticamente intacto após o Brasil tornar-se independente, viabilizando, pois, a própria construção do Estado brasileiro a partir de 1822. Além disso, as medidas que pretendiam dotar o Rio de instituições de ensino, aliada à presença de estrangeiros, propiciaram a emancipação intelectual dos habitantes locais, que buscaram novos paradigmas culturais, que não aqueles vindos da nação portuguesa.

As primeiras décadas do oitocentos marcaram, portanto, a adoção de novos modelos e padrões de comportamento no Rio de Janeiro, bem como a implementação de medidas adotadas pelo governo português a fim de criar na nova sede do Império uma atmosfera mais “europeia, moderna e civilizada”. Nesse processo os estrangeiros foram fundamentais, uma vez que, “a capacidade de imitar o estrangeiro e de assimilar-lhes os traços de cultura mais finos e não apenas os superficiais”, como apontou Gilberto Freyre, mudou radicalmente os hábitos e os interesses da sociedade carioca. Os jovens,

principalmente, tornaram-se, em certo sentido, “desertores de uma aristocracia cujo gênero de vida, cujo estilo de política, cuja moral, cujo sentido de justiça já não se conciliavam com seus gostos e estilos bacharéis, médicos e doutores europeizados. Afrancesados, urbanizados e policiados”. (FREYRE, 2009, p.122-126).

Tendo em vista este lugar de destaque ocupado pelos estrangeiros no processo de “europeização” da Corte, especialmente no que tange a sua produção literária, recorreremos aos periódicos publicados no Rio de Janeiro – com exceção do *Correio Brasiliense*, editado em Londres –, entre 1808 e 1836, com o intuito de mapear aí indícios da interlocução entre nacionais e visitantes estrangeiros. Buscando entender a importância que o discurso europeu tinha para os brasileiros da época e qual o grau de confiabilidade e credibilidade que era dado ao viajante nessa sociedade que estava se formando.

Os periódicos cariocas do período, com afirmarmos anteriormente, mencionaram largamente os viajantes e a literatura de viagem. Em geral, as narrativas apareciam como indicações de leitura e eram analisadas integralmente pelo redator, que traduzia os excertos de maior relevância. Além disso, havia a preocupação de oferecer ao leitor um panorama geral da obra, com a divisão dos capítulos e o resumo do conteúdo dos mesmos. Em alguns jornais, havia uma seção dedicada a publicações do gênero, sob a alcunha de “Viagens”, como é o caso do *Jornal Científico e Literário* (1826). Em outras publicações, os livros de viagem apareciam indicados nas seções de “Litteratura e Sciencias”; ou ainda figuravam na seção “Miscellanias”, ou mesmo na seção “Obras Publicadas”. Pelo menos até 1836, o número de referências a relações de viagem sobre outros países, especialmente aos países do continente asiático, é maior que as relações sobre o Brasil, o que indica que se pretendia apresentar ao público leitor outros modelos de sociedade, que não a de raiz portuguesa.

Hipólito da Costa, o responsável pelo *Correio Brasiliense*, demonstrou ter um apreço muito especial pela literatura de viagem. A cada número de seu jornal editado em Londres – mas com ampla circulação no Rio de Janeiro –, a seção de “Litteratura e Sciencias” apresentava as obras que acabavam de ser lançadas na Inglaterra e em Portugal, das quais um número significativo era do gênero narrativa de viagens. Hipólito traduzia passagens e comentava o conteúdo das narrativas, destacando, particularmente, excertos que mencionavam as descobertas científicas, os avanços nas

artes e na literatura, a descrição de hábitos e do desenvolvimento industrial da sociedade descrita. Quando se tratava de uma relação sobre o Brasil, o redator era ainda mais minucioso e convertia para a língua portuguesa trechos longos e, às vezes, todo o fragmento relativo ao país. As narrativas de viagem, segundo Hipólito da Costa:

Além da instrução geral que se adquire lendo as narrações de viajantes, estas tem um interesse particular para os Leitores de nosso Periódico, pela grande parte que o Brasil ocupa nas observações; porquanto, não pode ser indiferente aos habitantes do Brasil as reflexões, que fazem as pessoas sensatas, que visitam seu país; sobre os seus costumes, legislação, comércio, etc. (CORREIO BRASILIENSE v. XVI, n. 93, 1816, p. 141)

No primeiro volume do *Correio*, Hipólito escreveu sobre a importância do viajante: “Ninguém é mais útil, pois, do que aquele que se destina a mostrar, com evidencia, os acontecimentos do presente, e desenvolver as sombras do futuro”. (CORREIO BRASILIENSE, v I, n. 1, p. 2, jun. 1808). A importância que conferia aos viajantes e às suas obras seria confirmada com a indicação e análise de diversas obras do gênero ao longo dos treze anos de existência do *Correio Brasiliense*. A lista de livros de viagem sugeridos ou comentados pelo *Correio Brasiliense* é extensa, praticamente a cada número aparecem uma ou duas referências ao gênero. A literatura de viagem possuía um público leitor consolidado na Europa, e cada vez mais ganhava apreciadores no Brasil. Além disso, quando se tratava de relatos sobre o Brasil, as opiniões que ali eram expressas, por vezes, assumiam, nas páginas do *Correio*, o papel de afirmar e apoiar as ideias e projetos para o país do próprio Hipólito.

O *Correio Brasiliense*, no entanto, não foi a única publicação de grande importância no Rio de Janeiro oitocentista a conferir espaço às narrativas de viagem. Os letrados do Rio de Janeiro editaram outros tantos jornais, semanários e anuários, muitos deles com referências à passagem de estrangeiros pelo Brasil, demonstrando o grande interesse que então se tinha pelo gênero narrativa de viagem e a sua importância para constituição da cultura letrada brasileira.

O periódico *O Patriota*, editado entre 1813 e 1814, é um bom exemplo. Apresentando um formato semelhante ao do *Correio Brasiliense* – extenso, quase um livro, com seções específicas –, o periódico carioca caracterizou-se por divulgar do saber científico às notícias políticas, passando pelo conhecimento literário, tudo com o intuito de formar intelectualmente seus leitores. *O Patriota* apresentou em suas seções o

que o editor entendia ser um conjunto de *conhecimentos úteis aos cidadãos*: artes, agricultura, medicina, literatura, gramática filosófica, história, política, comércio, química, botânica, geografia e mineralogia. A sua missão era, antes de qualquer coisa, divulgar as luzes, divulgar as letras:

É uma verdade, conhecida ainda pelos menos instruídos, que sem a prodigiosa invenção das letras, haverão sido muitos lentos os progressos nas Ciências, e nas Artes. Por elas o Europeu transmite ao seu antípoda as suas descobertas, e as mais doces sensações de sua alma, os mesmos suspiros (para falar como Pope) vão do polo à Índia. (O PATRIOTA, n.1, jan. 1813 p. III).

Dentro dessa perspectiva, o periódico dá muita atenção aos estrangeiros (europeus), os detentores dos novos princípios científicos e das novas descobertas que tanto encantavam o mundo. Em quase todas as edições encontramos referências a estudos de franceses, alemães e ingleses sobre os mais variados temas: botânica, agricultura, política, literatura, entre outros. Os relatos de viagem também tiveram aí o seu espaço, uma vez que o gênero era tido como responsável pela circulação de novas descobertas e informações sobre as diversas regiões do globo.

Em 24 de março de 1821, o n. 3 do periódico *O Conciliador do Reino*, ao analisar os progressos do Brasil desde a chegada da Corte, recorreu à fala de alguns estrangeiros sobre o país. Primeiramente, o artigo mencionou o trabalho do Conde Chaptal – inspetor das fábricas da França – *Indústria Francesa*, de 1819, e reproduziu o seguinte comentário do autor: “a transmigração da sede do governo português para o Rio de Janeiro tem deslocado os interesses comerciais da Europa com Portugal: hoje convém dirigi-los para os ricos países do Brasil. Este país se há de elevar à alto grau de prosperidade, contanto que o Comércio permaneça livre”. No mesmo artigo, o jornalista aponta a visão de outros três estrangeiros sobre o assunto: Príncipe Maximiliano Wied, Robert Southey e Georg Langsdorff (*O Conciliador do Reino*, n. 3, p. 25, 1821).

Em outro jornal, o *Diário do Rio de Janeiro*, editado também em 1821 e voltado para a publicação de anúncios, é possível encontrar alguns livreiros oferecendo livros de viagem: no n. 17, de 17 de junho de 1821, por exemplo, aparecia o seguinte anúncio publicado na seção de vendas: “Vende-se uma pequena coleção de Livros escolhidos de Direito Pátrio, Canônico e Civil com algum uso: e Livros de Viagem, quem quiser

comprar procure nas casas da rua Ourives n. 155, onde achará o inventário, e seu preço” (Diário do Rio de Janeiro, n. 17, p. 110, 1821).

Nos *Anaes fluminenses de sciencias, artes e litteratura*, periódico carioca de vida efêmera (entre 1827 e 1828), ao tratar da diversidade natural encontrada ao Brasil, o redator dos *Anaes*, citou a obra do italiano Guiseppe Raddi, *Flora Brasiliense*, como uma referência das pesquisas naturais feitas por naturalistas estrangeiros. Segundo o redator, a obra apresenta “os procederes ao extrair, preparar, cardar, fiar, tecer e tingir as substâncias encontradas na flora” (ANAE FLUMINENSES DE SCIENCIAS, ARTES E LITTERATURA, n. 3, p. 8, 1822).

Nas seções do *O espelho diamantino: periódico de política, literatura, bellas artes, theatro e modas, dedicado às senhoras brasileira*, publicação editada entre 1827 e 1828, há também algumas referências a viajantes estrangeiros. Para citarmos um exemplo, no n. 6, de dezembro de 1827, o editor do periódico tratou da obra *Voyages Autour du Monde*, do pintor francês Jacques Arago, ressaltando a visão do estrangeiro quanto à falta de sensibilidade dos brasileiros em relação às belas artes. O periódico reproduziu uma passagem na qual Arago questionava a qualidade da arte produzida no Brasil, e assinalou que malgrado a produção artística ser muito recente e rudimentar, as iniciativas de D. João VI, em 1816, de trazer professores estrangeiros para fundarem a Academia de Belas Artes, foram de extrema importância para seu início. O redator salientou, ainda, o papel fundamental de Mr. Grandjean para o melhoramento arquitetônico da cidade, e concluiu o artigo afirmando que foi a iniciativa da Corte, ao convidar esses estrangeiros, que garantiu a melhoria da infraestrutura na capital bem como o refinamento do gosto artístico dos nacionais (O ESPELHO DIAMANTINO, n. 6, dez.1827, p. 101-102).

Ainda neste artigo, questionando a qualidade da arte que se produzia no Brasil, o periódico citou a análise do brasilianista francês Ferdinand Denis, extraída do livro *Resume de l’histoire litteraire du Portugal suivi de l’historire litteraire du Brésil*, de 1826. Segundo o próprio jornal, a obra de Denis, apesar de ter sido publicada há pouco tempo, já gozava de ampla circulação no Rio de Janeiro (O ESPELHO DIAMANTINO, n. 6, dez.1827, p. 103).

Outro periódico a citar os estrangeiros, *A Gazeta do Brasil*, de 9 de junho de 1827, ao tratar das relações diplomáticas entre Brasil e Áustria, reconheceu a

importância das expedições russas que passaram pelo território brasileiro nas primeiras décadas do século XIX, e fez a seguinte observação sobre o trabalho da comitiva que desembarcou no Rio, juntamente com D. Leopoldina, e que contava com nomes como o de Emmanuel Pohl e dos naturalistas Spix e Martius:

De resto o governo austríaco tem-se mostrado tão fiel aos seus princípios de verdadeira intelligencia com o Gabinete do Rio de Janeiro, que continúa incentivando as pesquisas sobre a Natureza do Brasil, iniciadas como o grupo de 1817 (A GAZETA DO BRASIL, n. 33, 1827 p. 13).

Periódico editado em 1832, *A Verdade*, jornal miscelânico dedicou-se a discutir questões relacionadas à ciência e ao desenvolvimento científico no Brasil. É comum encontrar em suas páginas referências a viajantes estrangeiros que visitaram o Brasil ou outras partes do globo, ressaltando a importância de encontrar outros referenciais que não os de Portugal. No n. 7, o redator do jornal, ao comentar a chegada de dois médicos brasileiros vindos da França onde foram aperfeiçoar seus estudos, teceu o seguinte comentário: “Os Bons Brasileiros devem folgar de receber em seu seio indivíduos, nacionais ou estrangeiros, que por suas luzes adquiridas na nova Atenas, vêm esclarecer um país, onde só falta população e instrução” (A VERDADE, n. 7, 1832, p. 27).

O naturalista francês Auguste Saint-Hilaire foi lembrado no número 18, pelo trabalho de pesquisa que realizou em várias regiões do Brasil entre 1816 e 1822. O texto é enfático:

Mr. Auguste Saint-Hilaire depois de ter feito conhecer o Brasil em toda a Europa, não só debaixo do ponto de vista botânico, como estatístico, nunca se esquecendo de gratificar, com elogios, a hospitalidade que receberá neste Novo Mundo, nem quis que a história dos últimos acontecimentos do Brasil, deixasse de ser conhecida de seus concidadãos e com pena digna d’um membro do Instituto de França, escreveu com verdade e clareza (tanto quanto a tal distância é possível) um opúsculo dedicado aos Brasileiros razoáveis e bem intencionados com o título “Quadro das últimas Revoluções do Brasil” (A VERDADE, n. 18, 1932, p. 82).

Sobre as vantagens para o país de receber visitantes estrangeiros, o jornal emitiu o seguinte comentário:

A vantagem de recebermos Estrangeiros industriosos, são tão evidentes, que parece desnecessário apontá-las. Os estrangeiros contribuem para o

progresso e a civilização da nação brasileira. [...] O bom acolhimento que os dóceis brasileiros dão os Estrangeiros em geral, sendo, como disse Mr. de S. Hilaire, o povo hospitaleiro por excelência incentiva que Eles venham ao nosso encontro e divulguem os progressos científicos do Velho Mundo (A VERDADE, n. 24, 1932 p. 950).

Em 1833, o *Diário de Anuncios*, em seu primeiro número, oferecia o livro de Robert Southey, conforme o anúncio: “na rua do Cano, nº 92, vende-se os seguintes folhetos pela terça parte de seus valores [...], *History of Brazil*, de Robert Southey, 640rs”. Dois anos mais tarde, outro periódico, *A miscelanea scientifica*, em um artigo dedicado à análise da “fruta do pão”, referiu-se ao relato do capitão Dampier, que, segundo o redator, foi o primeiro a escrever sobre o fruto, em 1688. O estrangeiro descreveu o gosto, a forma e onde poderia ser encontrado este fruto exótico. Na sequência, o artigo cita ainda as impressões de outro viajante estrangeiro, o capitão James Cook; sobre o fruto característico de regiões úmidas. Cook afirmou não haver lugar mais propício para cultivá-lo do que os trópicos, ressaltando a qualidade do solo que produzia uma variada gama de frutos e vegetais (A MISCELANIA SCIENTIFICA, n. 2, 1835, p. 56).

Haveria outras passagens a comentar, mas quase todas apontariam na mesma direção, a saber: o interesse dos impressos nacionais do início do século XIX em destacar a importância dos estrangeiros na promoção pelo país das ciências, das artes e da instrução. Há de se salientar também que, na maioria das publicações periódicas que circularam pela cidade no período, é possível encontrar uma profusão de anúncios de professores, médicos, modistas e arquitetos europeus oferecendo seus serviços à população fluminense, sinais que indicam a notoriedade e o espaço que os estrangeiros alcançaram no seio da sociedade carioca⁴ – notoriedade alçada somente no limiar do século XIX, quando a livre circulação pelo território brasileiro lhes foi facultada pela Corte lusitana. Foi por esta razão, vale recordar, que o Brasil passou a frequentar mais assiduamente os diários, cartas e relatórios científicos estrangeiros.

O estreito contato entre nacionais e estrangeiros, decorrente da maior circulação destes pelo Brasil, conferiu um novo *status* ao visitante. Se antes do desembarque da

⁴ Um levantamento desse tipo de anúncio, sobretudo ao que se referiam aos ingleses pode ser encontrado no livro de Gilberto Freyre, *Ingleses no Brasil*. Ver: FREYRE, Gilberto. **Ingleses no Brasil**: aspectos da influência britânica na vida e na paisagem da cultura do Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000, p. 150-283.

Corte, o adventício era recebido com desconfiança, depois de 1808, ele passou a ser visto como um modelo de modernidade e como alguém que vinha contribuir, através de estudos e práticas variadas, para o desenvolvimento do país. Daí os comentários tecidos por tais homens terem conquistado notoriedade e respeito entre a *intelligentsia* fluminense.

Referências bibliográficas

1.1 Periódicos Oitocentistas:

A Gazeta do Brasil. Rio de Janeiro: Typ da Gazeta / Typ. do Diario do Rio, 1827-1828.

A miscellania scientifica. Rio de Janeiro: Typographia de José Andres Garcia Ximenes, 1835.

A Verdade: jornal miscellanico: Rio de Janeiro: Typ. Nacional / Typ. Gueffier, 1832- 1834.

Annaes fluminenses de sciencias, artes e litteratura. Rio de Janeiro: Typographia de Santos e Souza, 1822.

Compilador constitucional político e literário brasiliense. Rio de Janeiro: Typ.Nacional / Typ. de Moreira e Garcez, 1822.

Correio do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1822.

Correio Brasiliense, ou Armazém literário. Londres: W. Lewis, 1808-1822.

Diário de annuncios. Rio de Janeiro: Typographia de Lena & Pereira, 1833.

Espelho diamantino: periódico de política, liitteratura, bellas artes, theatro e modas, dedicado às senhoras brasileiras. Rio de Janeiro: Imperial Typ. de P. Plancher-Seignot, 1827-1828.

Jornal Scientifico, economico e litterario: ou colleção de peças, memórias, relações, viagens, poesias e anedoctas; mixto de instrução e recreio accomodado a todo genero de leituras: Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1826.

O Conciliador do Reino. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1821.

O conciliador fluminense, o jornal político, histórico e miscellanico. Rio de Janeiro: Typographia Fluminense de Brito e C./Typographia do Diário, 1832.

O Patriota: jornal litterario político e mercantil do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1813-1814.

1.2 Estudos:

BERGER, Paulo. **Bibliografia do Rio de Janeiro:** viajantes e autores estrangeiros. 1531-1900. 2. ed. Rio de Janeiro: SEEC, 1980.

CAMARGO, Ana Maria de A.; MORAES, Rubens B. **Bibliografia da impressão régia do Rio de Janeiro.** São Paulo: Edusp, 1993.

CAMPOS, Pedro Moacyr. “Imagens do Brasil no Velho Mundo”. In: **História geral da civilização brasileira** (org. Sérgio Buarque de Holanda). t. II: “O Brasil Monárquico”. v. 1. “O processo de emancipação”. São Paulo: Difel, 1985.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

_____. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

CHARTIER, Roger (org.). **História cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988.

_____. **Práticas de leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

DURAN, Maria R. da C. O endereço da cultura para o carioca joanino. In: **Revista Opsi**: Goiás: UFG, v.7, n. 9, jul.-dez. 2007.

FIGUEIREDO, Cláudio; LENZI, Maria I. R; SANTOS, Núbia M. **O porto e a cidade entre 1565 e 1910**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

FRANÇA, Jean Marcel C. **Literatura e sociedade no Rio de Janeiro oitocentista**. Lisboa: Casa da Moeda/Imprensa Nacional, 1999.

_____. **A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora; São Paulo: Editora da UNESP, no prelo.

FREYRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil: aspectos da formação social brasileira como processo de amalgamento de raças e culturas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947.

_____. **Inglese no Brasil: aspectos da influência britânica na vida e na paisagem da cultura do Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.

_____. **Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano**. 16. ed. São Paulo: Global, 2006.

GOODMAN, Edward J. **The explorers of South América**. Norman: Univinersity of Oklahoma, 1992.

HOLANDA, Sérgio B. de. **Visão do paraíso**. São Paulo: Editora Nacional, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977.

_____. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

KURY, Lorelai. “Viajantes naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem”. **História, Ciências e Saúde – Maguinhos**, v. VIII (suplemento), 2001.

LEITE, Ilka B. **Antropologia da viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

LEITE, Miriam M. (org.). **Livros de viagem (1803-1900)**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

LIMA, Oliveira. **D. João VI no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

LISBOA, Karen. **A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 1997.

- LUCA, Tânia de; MARTINS, Ana Maria. **Imprensa e cidade**. São Paulo: Unesp, 2005.
- LUCA, Tânia R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- LUSTOSA, Isabel. **Insultos impressos: a guerra dos jornalistas na independência (1821-1823)**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- _____. **O nascimento da imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- MARTINS, Lílian. **História em revista**. Dissertação de Mestrado – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista, Franca/SP, 2009.
- MARTINS, Luciana L. **O Rio de Janeiro dos viajantes: o olhar britânico (1800-1850)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- Mello-Leitão, Candido de. **Visitantes do primeiro império**. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1934.
- _____. **O Brasil visto pelos ingleses**. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1937.
- MIDLIN, José E. “Viajantes no Brasil: viagem em torno dos meus livros”. **Revista de Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 35-54, 1991.
- MOTA, Carlos G. Da ordem imperial no século pombalina à fundação do Império brasileiro (1750-1831): o significado da Abertura dos Portos (1808). In: OLIVEIRA, Luis V; RICUPERO, Rubens (org.). **A Abertura dos portos**. São Paulo: Senac, 2007, p. 62.
- PÁDUA, José. A. **Um sopro de destruição: pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, p. 142.
- Revista USP**, n. 30. Dossiê Brasil dos Viajantes. São Paulo: USP CCS, 1996, junho/julho/agosto.
- RIZZINI, Carlos. **O livro, o jornal e a tipografia no Brasil (1500-1822): como um breve estudo geral sobre a informação**. São Paulo: Imesp, 1988.
- SOUZA, Octávio T. **História dos fundadores do Império**. v. 6. Rio de Janeiro: José Olimpio, 1957.
- SUSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- TUNAY, Afonso E. de. Estrangeiros ilustres e prestimosos. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB**, t. LVIII, parte II, 1895.
- VARNHAGEN, Francisco Adolfo. **História Geral do Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, v.5, p. 341-357, 1948.
- ZAVALA, Silvio. “Las descripciones de viajes”. In: **A América en el espíritu francés del siglo XVIII**. México: Edicio de el Colegio Nacional.